

Causas de morte

2019 (Dados provisórios)

Mortes por enfarte agudo do miocárdio diminuíram 7,5%

Os acidentes vasculares cerebrais continuaram a estar na origem do maior número de óbitos em 2019 (10 975), representando 9,8% da mortalidade e uma taxa de 106,5 mortes de residentes por 100 mil habitantes. Este resultado reflete todavia uma ligeira melhoria em relação a 2018.

Ainda no conjunto das doenças do aparelho circulatório, registaram-se 7 151 óbitos por doença isquémica do coração, representando 6,4% da mortalidade total em 2019, e uma redução de 1,2% em relação ao ano anterior. As mortes por enfarte agudo miocárdio (4 275) representaram 3,8% da mortalidade total e quase 60% das mortes por doenças isquémicas do coração em 2019, apesar da diminuição de 7,5% no número de óbitos em relação ao ano anterior.

As doenças do aparelho respiratório causaram 12 243 óbitos, menos 8,0% que em 2018, e representando 10,9% da mortalidade total ocorrida no país. Neste grupo, destacaram-se as mortes provocadas por pneumonia, com 4 700 óbitos, que representaram 4,2% da mortalidade ocorrida em 2019 e uma diminuição de 18,5% óbitos em relação ao ano anterior.

No conjunto dos tumores malignos, registaram-se 4 405 mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,9% do total de mortes no país e um aumento de 2,0% em relação ao ano anterior. Os tumores malignos do cólon, reto e ânus representaram 3,4% da mortalidade em 2019, com 3 829 óbitos (mais 0,2% que no ano anterior).

Nas mortes causadas por doenças do aparelho circulatório e por doenças respiratórias verificou-se a existência de um padrão de sazonalidade, com ocorrência de maior mortalidade nos meses mais frios e menor nos meses de maior calor, ao contrário dos tumores malignos em que a distribuição média mensal das mortes regista um padrão bastante homogéneo ao longo do ano.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) irá divulgar no Portal os indicadores estatísticos relativos à mortalidade por causas de morte em Portugal em 2019, de acordo com os 55 grupos de causas de morte baseados na lista «OECD Health Data» da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Esta informação tem carácter provisório pois tem em conta a codificação dos certificados de óbito pela Direção-geral da Saúde até 17 de fevereiro de 2021, processo que não se encontra consolidado.

Os indicadores incluem os principais grupos de causas de morte por doença, destacando-se as doenças do aparelho circulatório, os tumores malignos, as doenças do aparelho respiratório e as doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, bem como as mortes por causas externas de lesão e envenenamento.

Para cada grupo de causas de morte são apresentadas contagens do número de óbitos por sexo, grupo etário e região de residência dos falecidos, bem como alguns indicadores derivados: *Relação de masculinidade ao óbito*; *Idade média ao óbito*; *Taxa bruta de mortalidade*; *Taxa padronizada de mortalidade*; *Número médio de anos potenciais de vida perdidos*, entre outros.

Neste destaque são apresentados os indicadores para as principais causas de morte.

Principais indicadores de óbitos por causas de morte em 2019							
	Óbitos		Variação anual	Taxa bruta de mortalidade	Idade média ao óbito	N.º médio de anos potenciais de vida perdidos	Relação de masculinidade ao óbito
	N.º	%	%	Por 100 mil hab.	Anos		
Total de óbitos	112 334	100,0	-1,1	1 087,3	78,6	12,7	99,8
Doenças do aparelho circulatório, <i>das quais</i>	33 624	29,9	2,1	324,9	81,7	10,5	82,4
Doenças cerebrovasculares	10 975	9,8	-2,3	106,5	82,3	9,3	78,1
Doença isquémica do coração	7 151	6,4	-1,2	68,3	77,5	11,0	137,8
Enfarte agudo do coração	4 275	3,8	-7,5	40,7	76,6	11,3	133,2
Tumores malignos, <i>dos quais</i>	28 544	25,4	2,2	276,7	73,7	10,9	144,3
Tumor maligno da traqueia, brônquios e pulmão	4 405	3,9	2,0	42,7	70,7	9,4	288,2
Tumor maligno do colon, reto e ânus	3 829	3,4	0,2	37,2	75,9	10,1	138,0
Doenças do aparelho respiratório, <i>das quais</i>	12 243	10,9	-8,0	118,8	83,3	9,9	104,8
Pneumonia	4 700	4,2	-18,5	45,6	84,3	11,0	100,9

Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

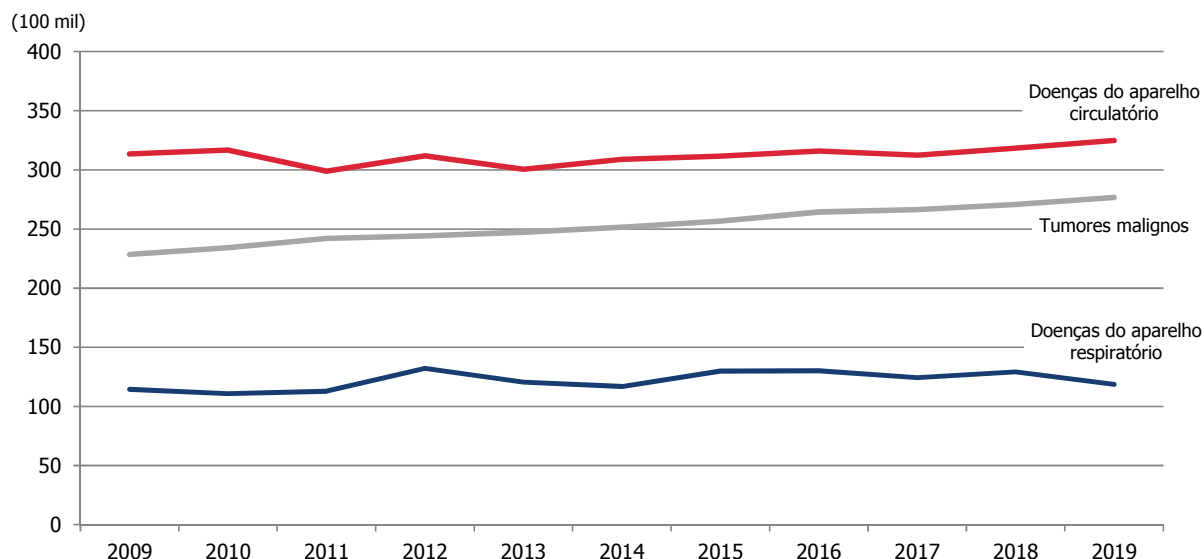
Notas explicativas: 1) O número de óbitos, e as respetivas proporção e variação anual, referem-se ao total de mortes ocorridas no país, enquanto os restantes indicadores respeitam apenas a mortes de residentes em Portugal. 2) Em relação à superioridade do número médio de anos potenciais de vida perdidos para o total de causas em relação às principais causas de morte, tal fica a dever-se ao facto deste indicador incidir apenas sobre as mortes antes dos 70 anos, que tendem a ocorrer em menor proporção no caso das causas de morte analisadas.

Menos mortes por doenças do aparelho respiratório em 2019

As mortes por doenças do aparelho circulatório e por tumores malignos aumentaram, respetivamente, 2,1% e 2,2% em 2019, continuando a representar mais de metade das mortes ocorridas no país. No mesmo ano, registaram-se menos 8,0% de mortes causadas por doenças do aparelho respiratório, e conseqüentemente uma redução da sua representação no total de óbitos (de 11,7% para 10,9%).

Considerando apenas os óbitos de residentes, a taxa de mortalidade por doenças do aparelho circulatório foi de 324,9 por 100 mil habitantes, consideravelmente mais elevada que no ano anterior e atingindo o valor mais elevado dos últimos 10 anos. Este aumento refletiu-se no aumento do número médio de anos potenciais de vida perdidos devido às doenças do aparelho circulatório, para 10,5, mais 0,2 anos que no ano anterior (10,3). A relação de masculinidade em 2019 foi de 83,0 óbitos de homens residentes por cada 100 óbitos de mulheres residentes, mais elevada que a registada no ano anterior (82,4).

Figura 1 - Taxas brutas de mortalidade por doenças do aparelho circulatório, por tumores malignos e por doenças do aparelho respiratório, por 100 mil habitantes, Portugal, 2009-2019



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

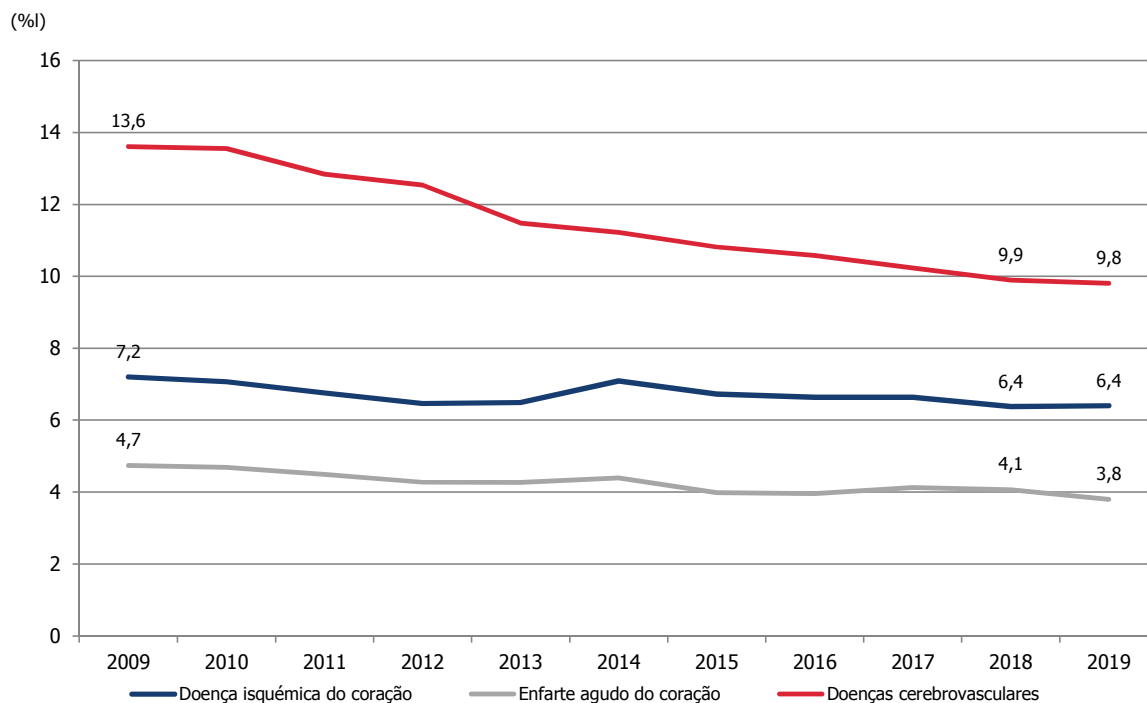
A taxa de mortalidade por tumores malignos foi de 276,7 por 100 mil habitantes, mantendo-se a tendência de aumento. O número médio de anos potenciais de vida perdidos devido a tumores malignos (10,9) foi próximo do registado em 2018 (11,0).

Em 2019, a taxa de mortalidade por doenças do aparelho respiratório foi de 118,8 por 100 mil habitantes, tendo sido inferior, em mais de 10 casos por 100 mil habitantes, em relação ao ano anterior (129,1), e o número médio de anos potenciais de vida perdidos devido a doenças do aparelho respiratório diminuiu 0,8 anos em relação a 2018 (de 10,7 para 9,9).

Quase 11 mil óbitos de residentes foram causados por AVC em 2019

Nos últimos anos verificou-se uma diminuição da proporção de mortes causadas por doenças do aparelho circulatório no total de mortes, de 31,9% em 2009 para 29,9% em 2019, principalmente devido à tendência para a quebra de importância das mortes por doenças cerebrovasculares, também designadas por acidentes vasculares cerebrais (AVC).

Figura 2 - Proporção de óbitos por doenças cerebrovasculares, doença isquémica do coração e enfarte agudo do miocárdio, no país, 2009-2019



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Todavia, os AVC continuaram a estar na origem do maior número de óbitos em 2019 (10 975), representando 9,8% da mortalidade e uma taxa de 106,5 mortes de residentes por 100 mil habitantes. Este resultado reflete uma ligeira melhoria em relação a 2018, quando se tinham registado 11 235 óbitos, correspondendo a 9,9% do total, e uma taxa de 108,8 óbitos de residentes por 100 mil habitantes.

Em 2019, as mortes por AVC continuaram a atingir principalmente as mulheres, com uma relação de 78 óbitos de homens por cada 100 óbitos de mulheres. Por outro lado, as mulheres continuaram também a morrer relativamente mais tarde que os homens devido a esta doença: a idade média ao óbito para as mulheres foi de 84,0 anos e para os homens de 79,9 anos.

Do total de óbitos por doenças cerebrovasculares, 93,6% foram de pessoas com 65 e mais anos e 82,5% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 9,3, mais elevado que no ano anterior (9,2). As correspondentes taxas brutas de mortalidade diminuíram em todos os grupos etários mais avançados: de 105,8 por 100 mil habitantes em 2018 para 103,8 em 2019 no caso dos 65 aos 74 anos, de 463,4 em 2018 para 443,9 em 2019 no caso dos 75 aos 84 anos, e de 1 853,2 para 1 765,3 para os 85 e mais anos. Em 2019, perderam-se 10 670 anos potenciais de vida devido às doenças cerebrovasculares, menos que no anterior (11 388), o que resulta da diminuição do número de óbitos com menos de 70 anos de idade por esta causa.

Mais de 7 mil óbitos devido a doenças isquémicas do coração

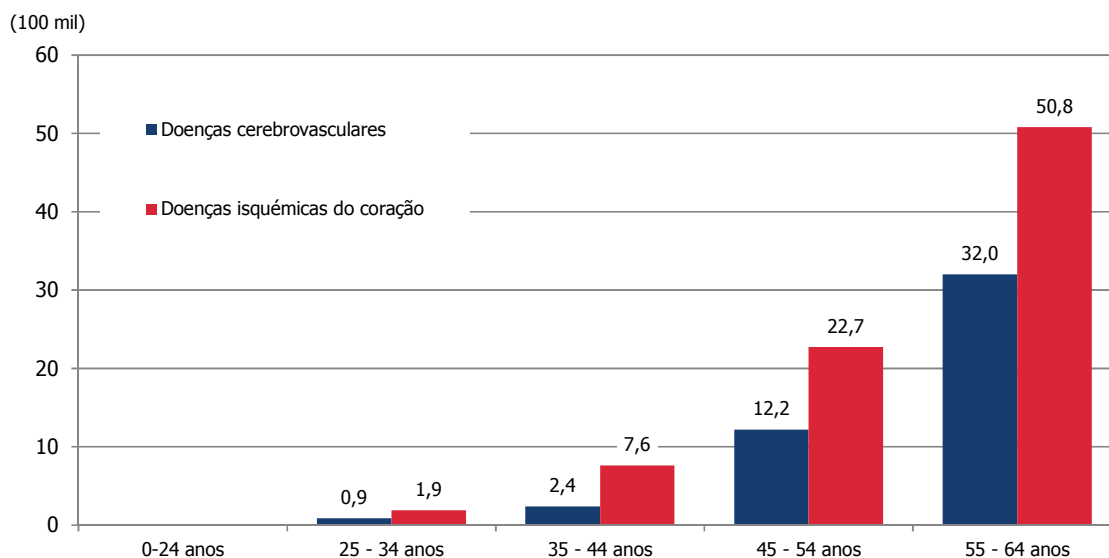
Ainda no conjunto das doenças do aparelho circulatório, registaram-se 7 151 óbitos por doença isquémica do coração, representando 6,4% da mortalidade total em 2019 e uma redução de 1,2% em relação ao ano anterior, quando ocorreram 7 241 mortes devidas a esta causa.

Do total de óbitos devido à doença isquémica do coração, 7 030 foram de residentes, a que corresponde uma taxa bruta de mortalidade dos residentes de 68,3 óbitos por 100 mil habitantes em 2019, mais baixa que em 2018 (69,5). Estas mortes atingiram principalmente os homens, com uma relação de 137,8 óbitos de homens por 100 de mulheres, mais elevada que em 2018 (133,3). A idade média ao óbito para as mulheres foi de 82,1 anos, mantendo-se substancialmente mais tardia (cerca de 8 anos mais) em relação à registada para os homens (74,1 anos).

Do total de óbitos de residentes por doença isquémica do coração, 83,0% foram de pessoas com 65 e mais anos e 65,8% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 11,0 anos (superior ao registado em 2018: 10,7 anos).

Em comparação com outras doenças do aparelho circulatório, nomeadamente as doenças cerebrovasculares, as doenças isquémicas do coração apresentam taxas brutas de mortalidade mais elevadas nos grupos etários inferiores a 65 anos.

Figura 3 - Taxas brutas de mortalidade por 100 mil habitantes antes dos 65 anos, por grupo etário: doenças cerebrovasculares e doenças isquémicas do coração, Portugal, 2019



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

As mortes por enfarte agudo do miocárdio diminuíram 7,5%

Em 2019, registaram-se 4 275 mortes por enfarte agudo do miocárdio, representando 3,8% da mortalidade total e quase 60% das mortes por doenças isquémicas do coração, com uma diminuição de 7,5% no número de óbitos em relação ao ano anterior (4 620 óbitos).

As mortes de residentes por enfarte agudo do miocárdio atingiram principalmente os homens, cuja relação foi de 133,2 óbitos de homens por 100 de mulheres. A idade média ao óbito para as mulheres situou-se nos 81,2 anos, mais 8 anos do que a observada para os homens (73,2 anos).

Do total de óbitos de residentes por enfarte agudo do miocárdio, 81,4% foram de pessoas com 65 e mais anos e 63,3% de pessoas com 75 e mais anos, obtendo-se um número médio de anos potenciais de vida perdidos de 11,3 anos. A taxa bruta de mortalidade devido a enfarte agudo do miocárdio, para os residentes, foi de 40,7 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 8, Figura 4.D).

Mais 2% de mortes, em 2019, causadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão

Os tumores malignos causaram 28 544 óbitos em 2019, representando 25,4% da mortalidade total ocorrida no país e mais 2,2% mortes que no ano anterior (27 929 óbitos em 2018).

Em 2019, a taxa de mortalidade dos residentes por tumores malignos foi de 276,7 por 100 mil habitantes, bastante mais elevada no caso dos homens (346,3) que nas mulheres (214,5); contabilizaram-se 109 337 anos potenciais de vida perdidos, superior ao resultado de 190 180 anos de vida perdidos em 2018, o que ficou associado ao aumento do número de óbitos com menos de 70 anos de idade.

No conjunto dos tumores malignos, destacaram-se 4 405 mortes provocadas por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão, que representaram 3,9% do total de mortes no país e um aumento de 2,0% em relação ao ano anterior. Estes tumores continuaram a atingir principalmente os homens, de forma muito expressiva, com taxas brutas de mortalidade muito diferentes para homens (67,1 mortes por 100 mil homens residentes) e mulheres (20,8 óbitos por 100 mil mulheres residentes), que resultam numa relação de 288,2 óbitos de homens por 100 de mulheres. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão foi de 42,7 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 45 e mais anos (cf. página 8, Figura 4.E).

Os tumores malignos do cólon, reto e ânus representaram 3,4% da mortalidade em 2019, com 3 829 óbitos (mais 0,2% que no ano anterior). Estes tumores continuaram a atingir principalmente os homens, com uma relação de 138,0 óbitos de homens por 100 de mulheres. A taxa bruta de mortalidade devido aos tumores malignos do cólon, reto e ânus foi de 37,2 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 55 e mais anos (cf. página 8, Figura 4.F).

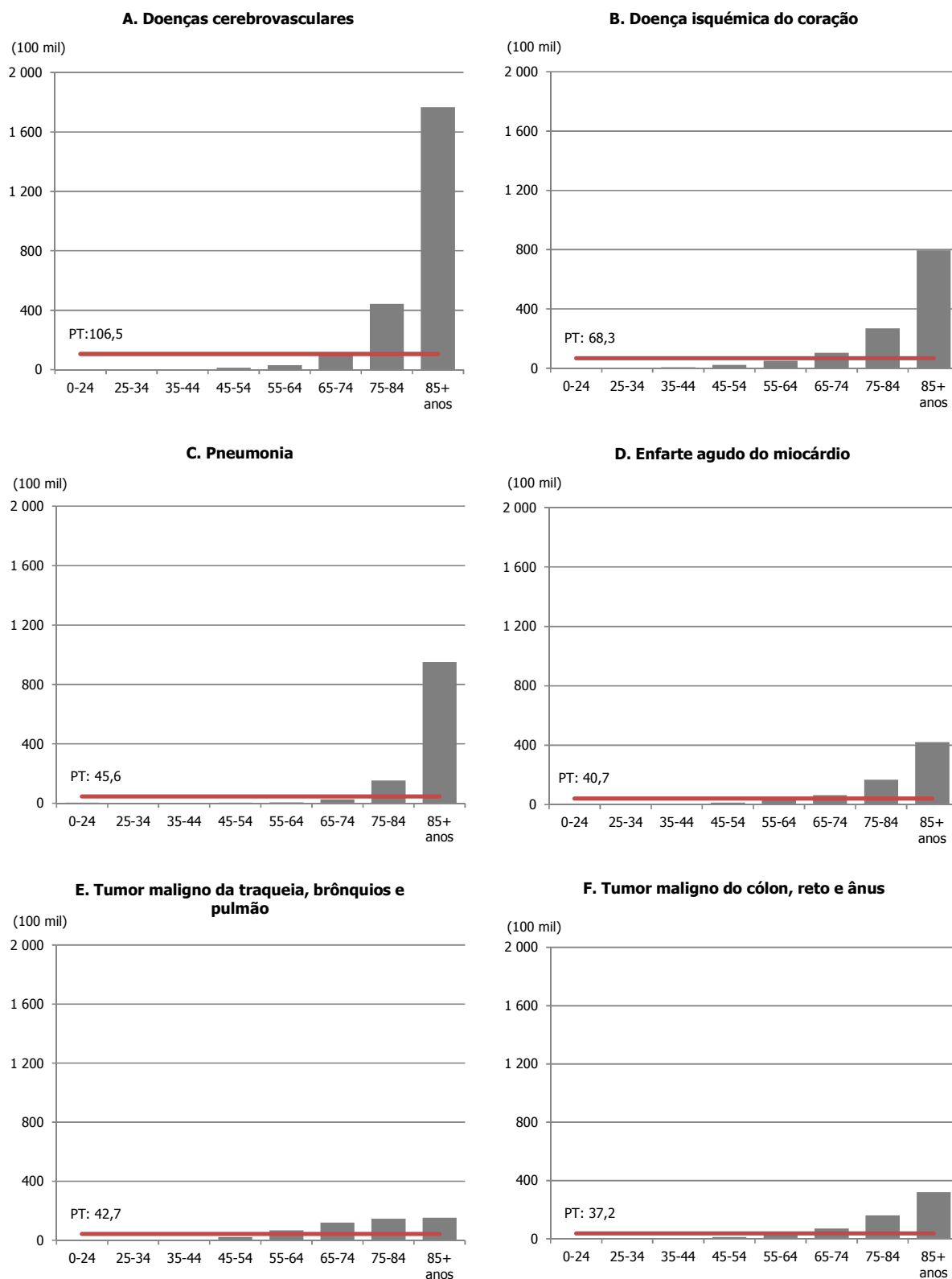
Redução significativa das mortes causadas por pneumonia em 2019

As doenças do aparelho respiratório causaram 12 243 óbitos em 2019, com uma diminuição de 8,0% em relação ao ano anterior (13 305 óbitos), e representando 10,9% da mortalidade total ocorrida no país.

Neste grupo destacaram-se as mortes de residentes provocadas por pneumonia, com 4 700 óbitos, que representaram 4,2% da mortalidade ocorrida em 2019 e uma diminuição de 18,5% óbitos em relação ao ano anterior. A taxa bruta de mortalidade de residentes por pneumonia foi de 45,6 óbitos por 100 mil habitantes, com valores significativamente crescentes para 65 e mais anos (cf. página 8, Figura 4.C).

Em 2019, as mortes por pneumonia atingiram de forma semelhante homens e mulheres, com uma relação de 100,9 homens por cada 100 mulheres. A idade média ao óbito verificada para 2019 foi de 85,9 anos para as mulheres, superior em quase 3 anos à dos homens (82,8 anos).

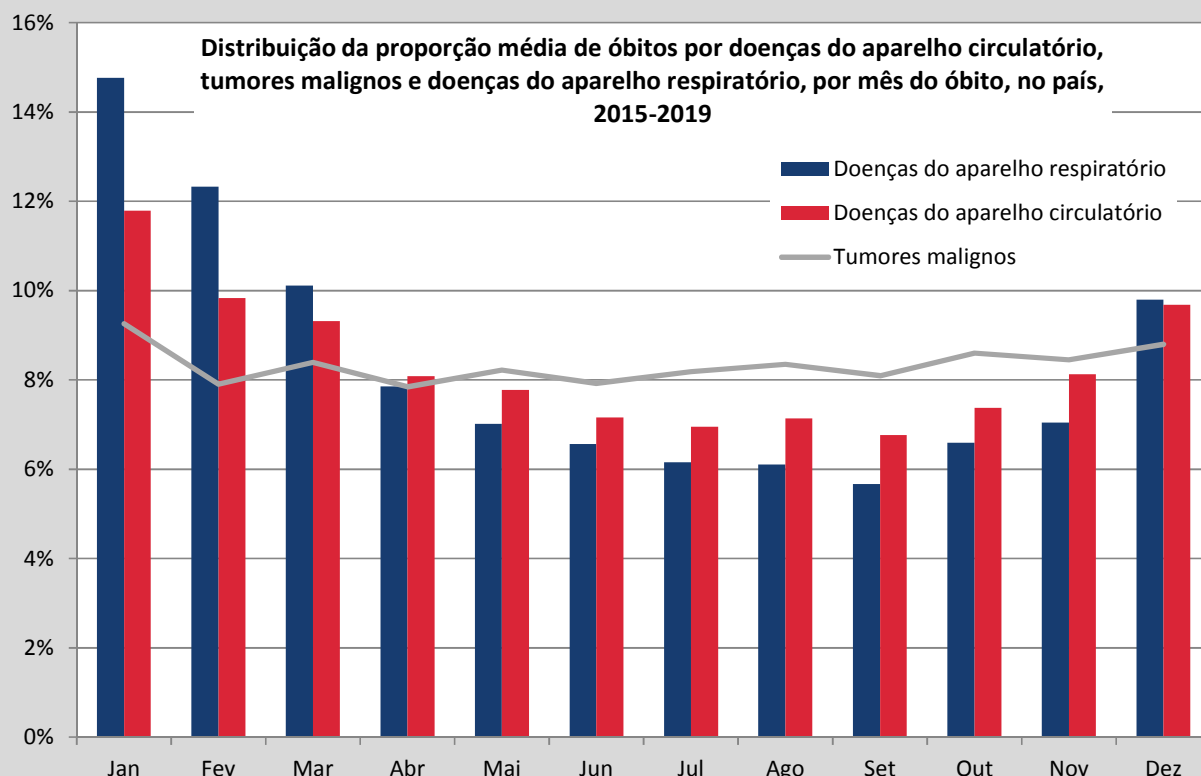
Figura 4 - Taxas brutas de mortalidade por algumas doenças por 100 mil habitantes, por grupo etário, Portugal, 2019



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Sazonalidade dos óbitos por causas de morte

A distribuição da média dos óbitos ocorridos no período 2015 a 2019 por mês do óbito evidencia padrões de sazonalidade distintos para as mortes atribuídas aos tumores malignos, às doenças do aparelho circulatório e às doenças do aparelho respiratório, sendo a distribuição média mensal das mortes por tumores malignos bastante mais homogênea ao longo do ano.



Nas mortes causadas por doenças do aparelho circulatório e por doenças respiratórias verifica-se a existência de um padrão de sazonalidade, com ocorrência de maior mortalidade nos meses mais frios e menor nos meses de maior calor. No caso das doenças do aparelho respiratório existe uma dicotomia clara entre os meses de janeiro e fevereiro, em que se regista o pico das mortes e que no seu conjunto representam 27,1% da mortalidade anual por estas doenças, e os meses de julho a setembro, que representam 17,9%.

Para as doenças do aparelho circulatório e para os 5 anos em análise, o pico ocorreu em janeiro (com 11,8% da mortalidade média anual pela doença) e a mortalidade mais baixa nos meses de julho e setembro.

Para os tumores malignos, e no quinquénio analisado, janeiro foi normalmente o mês em se atingiu o pico máximo de mortes mensais (em média, 9,3%).

Nota técnica:

Os dados de óbitos por causas de morte resultam do aproveitamento de dados administrativos para fins estatísticos. Trata-se de informação sujeita ao registo civil e recolhida junto das Conservatórias do Registo Civil através do Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). A Direção Geral da Saúde colabora com o INE procedendo à identificação da causa básica de morte e da causa de morte externa, quando existe, e subsequentemente à codificação das causas de morte segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (OMS). Os resultados estatísticos relativos a 2019 apresentados neste destaque têm caráter provisório e foram obtidos com base na informação do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito disponível até 17 de fevereiro de 2021.

Anos potenciais de vida perdidos (APVP): Número de anos que teoricamente uma determinada população deixa de viver, se morrer prematuramente (antes dos 70 anos). Resulta da soma dos produtos do número de óbitos ocorridos em cada grupo etário i (O_i) pela diferença (A_i) entre o limite superior considerado (70 anos) e o ponto médio do intervalo de classe correspondente a cada grupo etário.

$$APVP = \sum_i O_i \times A_i$$

Causa básica de morte: Doença ou lesão que inicia a cadeia de acontecimentos patológicos que conduzem à morte, ou circunstâncias do acidente ou ato de violência que produzem a lesão fatal.

Causa externa: Circunstância em que determinada lesão, intoxicação ou efeito adverso acontece.

Idade média ao óbito: Quociente entre a soma do produto de cada ponto médio do escalão etário pelo número de observações, em cada escalão etário, e o número total de observações.

Número médio de anos potenciais de vida perdidos: Quociente entre o número de anos potenciais de vida perdidos e o número de óbitos com menos de 70 anos.

Relação de masculinidade ao óbito: Quociente entre os óbitos do sexo masculino e os do sexo feminino, por 100 mulheres.

Taxa bruta de mortalidade: Número de óbitos observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, por uma determinada causa de morte, referido à população média desse período (expressa em número de óbitos por 100 000 habitantes).